



**matriarcalismo**



# NOSSAS MATRIARCAS

Uma das atividades propostas aos cursistas da segunda turma do curso de extensão Pedagogia da Ancestralidade foi a escrita de relatos sobre suas matriarcas e sobre as mulheres que inspiram ou já inspiraram elas na vida. A seguir, compartilhamos alguns dos relatos produzidos.



Minha mãe é o escudo, a fortaleza das filhas, filhos, netas e netos. Tem 87 anos, lúcida e à frente do seu tempo. Nem sempre foi sem conflito, mas como a música nos fala, tenho me sentido, nos últimos anos, idêntica a ela rsrs

Tive uma tia que nos entendíamos pelo olhar, tenho uma admiração imensa por ela, minha inspiração em tudo. Ela desencarnou há alguns anos mas o afeto é muito intenso.

Meu pai foi adotado, vivemos anos vizinhos aos meus avós que lhe criou, vovó Regina também é uma figura muito forte em minha vida ainda, embora tivesse apenas 12 anos no seu desencarne. A minha avó paterna biológica era negra retinta, andarilha, embora fosse sossegada, passava paz no olhar, tinha uma desconexão com a realidade e padrões, o que as pessoas chamam de louca e eu de cá, avalio muito esse rótulo, mas esse é outro assunto.

Minha avó materna era indígena e saiu da aldeia aos 14 anos para servir ao casal na cidade como doméstica até a sua morte.

Minha avó teve 3 filhos, 1 morreu e ficaram as duas meninas. Todas as gravidez frutos dos homens da casa em que servia. Atravessamento emocional que tenho trabalhado muito para curar, vivendo e estudando a ancestralidade que me fez.

**Rose Fonseca**

Minha mãe é uma mulher forte, afetuosa e alegre. Aliás, costumo dizer-lhe que é a alegria da nossa casa! Casou-se cedo e, aos 23 anos, já tinha me colocado no mundo. Aos 42 ficou viúva e, ali, pude ver a penumbra da dor instalar sobre seus olhos. Porém, revestida de coragem, ela ressignificou aquele tempo em que a perda por uma tragédia alcançou nossa família, conduzindo nosso caminho com muita resiliência e força.

Ainda menina, já conseguia enxergar o quanto abdicou de si para cuidar da família. Porém, nunca verbalizou isso com pesar, ao contrário, sente orgulho, pois, generosamente, enxerga nas filhas e neto a síntese de suas próprias conquistas. No entanto, hoje compreendo o quanto de si a menina de 22 anos deixou por aí para assumir as funções com a maternidade, a família...

Mamãe é uma mulher espirituosa; criadora de palavras que, segundo ela, dão melhor significado ao que pretende dizer; afetuosa; gosta de dançar, cantar, pescar, viajar; diz que é passarinho, pois precisa de liberdade; gosta da noite, apesar de ter medo da escuridão. Todas as minhas memórias de cuidado, encorajamento e amorosidade estão com ela. Continua sendo o meu primeiro lar, o colo para onde retorno sempre que preciso. E, hoje, os papéis se invertem, por vezes sou seu colo.

**Bruna Abreu**

As matriarcas da minha família são algumas das mulheres que me ensinaram que no território das favelas são elas que nos apresentam as primeiras leituras de mundo. Como mencionei antes, através da história do meu nome, minha mãe me gerou e me apresentou ao mundo em forma de poesia – sem ao menos se dar conta – deu continuidade à minha criação em forma de arte de viver, motivo pelo qual eu levo muito a sério essa herança a que me foi atribuída.

Ela, minha mãe, teve uma infância um tanto conturbada: ela foi criada por sua avó, que seria minha bisavó, pois sua mãe biológica, que era cantora da Lapa, a teve no momento áureo de sua carreira e criá-la, segundo sua ótica, iria interromper sua promissora carreira. Contudo, isso acabou por gerar conflito uma vez que causou muitos ciúmes entre elas, minha mãe e sua mãe verdadeira mãe biológica, que faleceu quando eu ainda nem tinha nascido.

Minha bisavó, mãe adotiva da minha mãe e avó biológica da minha mãe, era uma mulher mineira, negra, forte, decidida. Curimbeira do terreiro de sua irmã gêmea (isso eu lembro, porque ela era buscada por tamanha destreza), esperavam-na para iniciar as sessões, ou quando as sessões se iniciavam e ela não estava, perguntavam: cadê Julieta? Ambas as irmãs morreram com seus noventa e poucos anos. Enterrou os três filhos tamanha longevidade. Ela, infelizmente, passou por muitos percalços pela vida, muitas violências, mas sua garra a fez perpassar por todos eles.

**Isabel Navega**

Sou filha, neta e bisneta de mulheres fortes e teimosas. Minha bisavó Luzia tinha um coração de afeto gigantesco, sorridente e que adorava jogar baralho. Essa tradição do baralho já vem ultrapassando muitas gerações no espaço-tempo da minha família. Minha avó Maria Tereza, filha dela, é sabida que só, foi professora e coordenadora pedagógica, devorava livros na mesma medida que devora momentos em família e comidas.

Minha vó  
Enfatizava muito  
Sabida que só  
De nariz erguido e apontava o dedo  
Contava muito  
Abria a costura das histórias  
Que levavam a gente pra qualquer lugar  
Teimosa que só  
Gostava demais  
E queria as coisas do jeito dela  
Mas quem ia contradizer a velha?  
Ela sempre sabia  
E ai, como lia  
Ia e vinha, na cozinha  
Sempre com uma surpresa boa  
Minha mãe Marina e eu herdamos essa mesma fome sagaz. Ela é professora, uma mulher transgressora, uma flor diversa dentro das suas próprias raízes, e eu e minha irmã ramificamos essa raiz.  
Mãe,  
Você é luz!  
Você me deu à luz!  
Você dá à luz todos os dias  
Obrigada por  
Orgulho de  
Ser luz da sua luz  
Sangue do seu sangue  
Minha avó paterna Darcy gostava de fazer pudim e de brincar com a gente. Todo dia mergulhávamos em fantasias que transformaram minha realidade até hoje. Seu afeto se dava ali, diariamente, na presença.  
Com cada uma aprendi e ainda aprendo tanto.  
Sou fruta de muita flor e muita história.

**Carolina Marangoni**

Entre as inúmeras matriarcas da minha família escolhi a minha mãe. Falarei dela em forma de poema.

Duhigô

Guerreira Duhigô

Nasceu em 24 de maio de 1946

Em Diã Pahsá Yuhuró

Durante a época de pesca do seu clã

No território do clã Arapaso... seus primos-cunhados.

Após o seu nascimento

Seu clã e pais deram o nome de Duhigô

Nome dado às filhas da etnia Tukano

Que significa mulher guerreira, perseverante, justa, disciplinada bondosa...

Meses depois os pais batizaram Duhigô

Na Igreja Católica Apostólica Romana São Miguel Arcanjo

Deram o nome de Gumercinda Naval Vasconcelos

Duhigô recebeu o segundo nome.

Aos 7 anos de idade

Ficou órfã de pai

Sua mãe... viúva... casou novamente

Duhigô foi criada pelo clã da etnia Tariana.

Um clã Tariana criaram Duhigô

Como filha e irmã

Nada deixaram faltar

Hoje ela é respeitadíssima pelo clã Tariana e pelos seus irmãos de criação.

Aos 9 anos ingressou na educação escolarizada

Estudou na Escola Estadual São Miguel Arcanjo...

Na Escola Estadual Santa Isabel...

Com coragem, persistência e fé conseguiu cursar o Ensino Fundamental e Médio.

Aos 23 anos terminou o Ensino Médio com habilitação em Magistério

Em 1969 iniciou a trabalhar

Como professora do Ensino Fundamental

Da Escola Estadual São Miguel Arcanjo.

Venceu todos os tipos de adversidades

Trabalhou na roça

Trabalhou na escola

Aposentou após trinta anos de serviço na área de educação.

Casou com Tukano do clã Ye1parã Panecu  
Teve quatro filhos... três meninos e 1 menina  
Criou com muito carinho e amor  
Através de uma educação dialógica construtiva e transformadora  
Preparou-nos a viver corajosamente no mundo indígena e não indígena.

Duhigô minha matriarca  
Guerreira,  
Perseverante,  
Justa,  
Disciplinada,  
Bondosa.

Hoje com setenta e sete anos  
Continua com suas virtudes  
Com as virtudes de Duhigô  
Admiro essa mulher e mãe guerreira...

A guerreira do clã Kumarõ Põrã.

**Joscival Vasconcelos Reis**

As mulheres da minha família materna são fortes. Foram com elas que mantive mais contato ao longo da minha caminhada nesta terra. Minha vó, sozinha, saiu do Ceará, atravessou o nordeste e o Estado do Pará, para chegar ao Estado do Amazonas - aqui construiu família e, viúva, criou filhos e filhas com pulso forte. Minha mãe, é de um sangue quente, mãe solo que, separada, criou a mim e a meu irmão com mãos de ferro. Uma tia mais próxima também mãe solo, criou sua única filha com muita garra, dando-lhe estudos e uma história de perseverança e resistência para contar. Penso que segui estes exemplos, não tive um pai frequente em minha vida, só via mulheres que, sozinhas, construíram legados de poder e resiliência perante a vida. Mulheres com uma energia masculina muito forte. Mulheres que não se abatem facilmente. Elas são meu exemplo!

**Gracy Dutra**

Elzanira Correia de Sousa foi casada durante muito tempo com um soldado do exército meu avô Ozeias Martins de Sousa. Veio do interior do Ceará para a capital Fortaleza; longe dos seus para defendê-la, ela apanhou durante todo o casamento do marido e era constantemente abusada sexual por ele. Teve ainda nove filhos dos quais seis morreram devido a maus tratos que ela sofria durante a gravidez. Depois de algum tempo separou do marido que mesmo separado a agredia quando ia visitar os filhos. Sustentou os filhos lavando roupa e saía do Bom Sucesso a pé até a lagoa da Parangaba com uma trouxa de roupas na cabeça. Cedo colocou sua filha mais velha para trabalhar em casa de família para evitar que essa (minha mãe) passasse fome, prejudicando sem saber os estudos da filha, que passou muito tempo morando em São Paulo. Hoje já velha Elzanira não enxerga, não escuta e tem Alzheimer e vive sob o cuidado da filha.

**Cárita Gardênia de Sousa Campos**

Minha família é constituída por meu pai e minha mãe, atualmente. Meu pai não sabe da sua família biológica, e minha mãe nasceu no Maranhão. A nossa família (Eu, meu pai, minha mãe) reside em Pernambuco, e eu nasci e me criei na favela do Ibura em Recife-PE. Dessa forma, a única matriarca que tenho contato é minha mãe, as outras (tias) se encontram no Maranhão, que não tenho contato. Além dela, tenho minha madrinha de batismo. Ambas são pessoas muito simpáticas e amorosas. Minha mãe ela é agente de saúde e muita gente ama o trabalho dela, pois ela sempre tenta facilitar a vida das pessoas no posto de saúde. Ela é uma grande inspiração por vários motivos, um deles, é a resiliência. Minha mãe foi a primeira pessoa da família a acessar uma faculdade, e ela fez isso com mais de 40 anos. Ela se formou na faculdade de serviço social próximo aos 50 anos de idade, e segue estudando, desenvolvendo seu trabalho. Sempre tive muitas amizades com mulheres, e isso sempre foi benéfico, pois sempre tento buscar a perspectiva de realidades diferentes, considerando como minhas decisões afetam a mim e outras pessoas. Esse tato eu tenho tentado desenvolver cada vez mais, e com certeza, isso parte dos aprendizados que tive com as mulheres que estiveram comigo na vida.

**Moisés Coelho da Silva**

As matriarcas da família, tem histórias fortemente marcadas por violência física, emocional porém com uma força absurda dentro delas. Enraizadas de diversas formas com suas bagagens diversificadas, trouxeram durante toda suas vidas uma força meio fênix, um poder de ajuntamento de renição espiritual, fortalecimento familiar em contextos periféricos nos quais fazia se o que era preciso para seguir a vida, com o que lhes era oferecido. Tenho orgulho de todas elas, trago frações delas em mim, honro e agradeço toda travessia delas, para que pudesse chegar onde estou e juntamente com elas continuei escrevendo e ressignificando nossa história de luta, fé e amor. Sou grata.

**Monica Roberta Granato Ramos**

As mulheres da minha família, sempre foram mulheres fortes. Minha mãe, a mais velha de doze irmãos, ajudou na criação deles e depois na acolhida quando todos migraram para São Paulo. Nossa casa sempre foi o lugar de encontros, seja nas festas ou datas comemorativas ela sempre fez questão de receber e cozinhar para todos.

Embora muito presente, nunca foi de demonstrar afetos por abraços e carinhos, mas sempre deu um jeito de mostrar que estava ali com a gente. Sempre foi uma mulher das artes, e lembro dela, costurando, bordando e fazendo crochê, foi quem me ensinou a fazer e gostar das artes manuais, embora a paciência para ensinar não fosse seu ponto forte. Também é uma mulher religiosa, e embora goste da Igreja Católica, prefere não frequentar e se prender as religiões, prefere seguir o ensinamento de Cristo e o que está na Bíblia e sempre diz que se as pessoas lessem a Bíblia não seguiria tantos falsos pastores como nos dias de hoje.

Dos irmãos e irmãs, segue sendo a única não evangélica, e firme e forte mostrando aos irmãos as mazelas de seguir cegamente a religião. Graças a essa visão, pudemos na infância vivenciar a diversidade das religiões dos pais dos nossos amigos, íamos no Candomblé, na Umbanda e nas igrejas católicas e evangélicas espalhadas pelo bairro, tinham muitos encontros e festejos nesses lugares.

Como eu disse, ela nunca foi de falar ou demonstrar afetos com abraços e carinhos, mas sempre demonstra cuidando e estando com a gente. Convivi pouco com minha avó materna, ela morava na Bahia e sempre que vinha pra São Paulo, ficávamos juntas. Minha avó era uma mulher baixinha, com longos cabelos pretos e lisos e mesmo com a idade já avançada demorou a ter cabelos brancos. Lembro de sentarmos com ela, para comer no chão com seu prato de alumínio e amassando os bolinhos de feijão.

Ela gostava de cantar enquanto fazia as coisas, assim como minha mãe e eu herdei, esses dias meu filho me falou: “Você gosta de cantar bastante, né mamãe?” e realmente percebi que gosto de cantar. Minha avó contava para os filhos, que sua mãe foi pega no laço no meio do mato e obrigada a casar, mas não trouxe muitas histórias sobre a convivência dela com os filhos.

Minha mãe não tem muitas memórias, porque a bisavó faleceu quando ela tinha cinco anos. Um dia, já no processo de demência, minha avó disse que na verdade a mãe dela não tinha morrido e sim voltado pro mato de onde ela foi pega, perguntei pra minha mãe que disse não ser real, pois até anunciaram no rádio a morte dela, em todo caso, acho que minha avó sentia que a vontade da sua mãe era ter voltado de onde nunca devia ter saído, nas palavras dela.

Da parte do pai, não conheci a minha avó, ela faleceu quando meu pai tinha dez anos. Após isso, meu avô casou novamente, e era essa mulher quem me referia como a avó mas somente a vi uma vez, quando estive na Bahia e não tenho recordações. A mãe do meu pai morreu no parto, e durante muito tempo esse assunto era um tabu familiar, isso porque a sua mãe era parteira da região e não chegou a tempo de salvá-la, pois vinha de outro local.

Em 2011 eu estive na Bahia, e sempre conversava com meu avô para contar histórias de sua mãe e das mais velhas, mas não tinha muita resposta. Até que, nada acontece por acaso, um dia voltando do interior a moto que estávamos quebrou no meio do caminho, era uma estrada longa de terra, e aí saímos caminhando e empurrando a moto até um povoado mais próximo.

Chegamos lá, comentei com meu primo, depois dessa vamos tomar uma cerveja. E ali, sentamos e começamos a conversar. Tinha um senhor no canto, que não parava de nos olhar, na hora imaginei que era por estarmos bebendo, imagina uma mulher no bar? Não era muito comum por aquelas cidades. Mas não, logo que pedimos mais uma cerveja o rapaz que nos atendeu logo perguntou; -Vocês são parentes de Tintina? -Sim, meu avô é Zé de Tintina, nome da minha bisavó - Aquele senhor ali logo reconheceu, disse que você parecia muito com ela. Tá vendo esse povoado aqui, nasceu quase todos da mão da sua bisavó. E foi assim que conheci minha Bisavó Tintina. Conversamos com aquele senhor, certo de que ainda voltaria para gravar essa história.

Depois desse dia, meu pai e meu avô passaram a contar mais dessa convivência. Minha Bisavó, segundo o meu pai, era uma mulher risonha, cabelos negros, parecendo uma "índia", conversadeira e acolhedora que não fazia distinção das pessoas. Acredito que as mulheres que fui e que sou são atravessadas por essas mulheres que vieram antes de mim, e que me fortaleceram com sua ancestralidade para que eu pudesse estar aqui hoje.

**Monici Gomes**

Vou falar da minha mãe e da sua mãe, minha avó. A relação com minha mãe sempre foi difícil, conflituosa. Sou a filha do meu meio, sentia-me preterida em relação às minhas irmãs (sei que esse sentimento em parte era ciúme e parte real). Com o tempo comecei a entender a origem da nossa diferença. Acredito que ela transferiu, inconscientemente, para mim sentimentos despertados durante a gravidez em que viveu fortes conflitos com meu pai. Mas apesar dos "choques" sentia o seu cuidado, e, mesmo com toda dificuldade financeira, lembro-me do seu esforço para me dar alguma coisa que eu lhe pedia. Ela se casou muito cedo, teve uma relação muitíssimo abusiva com meu pai, a qual, ao meu ver, a "desconfigurou". Uma mãe mais carinhosa e cuidadosa, deu lugar a uma mãe menina/ imatura. A história da minha mãe me inspira a não repetir seus passos: foquei nos estudos, persegui minha independência financeira e emocional e procuro me responsabilizar pela minha vida. Sinto que minha avó Zezé me ajudou e ainda me ajuda no desenvolvimento da minha espiritualidade. Não sei explicar isso, mas é fato. Trago comigo muitos ensinamentos de respeito a si e aos outros.

**Patricia Carvalho Assis**

Na busca de conhecer minha Ancestralidade, as matriarcas ocupam lugar de destaque. As minhas famílias materna e paterna têm um histórico de privação e vulnerabilidade. Os anos 1940 e 1950, no estado do Ceará, não foram fáceis. Mas graças a força de mulheres como minha Bisavó Joana, minha avó Geralda e minha tia avó Maria de Lourdes que minha mãe, minhas tias e tios conseguiram vencer a mortalidade infantil e a fome. Minha mãe e minhas tias sempre trabalharam desde crianças. Já no tronco paterno, minha avó Francisca era uma pessoa muito comunicativa e que gostava de juntar a família.

Não conheci minha Bisavó paterna, mas desde criança pude ver a força e a influência das minhas tias avós: tia Alice, tia Maria, tia Salete, tia Laura, tia Maria de Lourdes. Infelizmente meus tios não sabem muita coisa da minha Bisavó paterna. Honro a existência dessas mulheres que administravam suas casas e sempre seguravam a barra uma das outras. Numa cultura que colocou o homem no lugar de provedor e deixou todas as outras obrigações e desafios para as mulheres, posso dizer que sou privilegiado de ter sobrevivido e ter chegado até aqui.

Também admiro e devo reverência às minhas professoras que me inspiraram: tia Zaíra na alfabetização, professora de recreação e artes (era a melhor aula da semana, pois eu achava uma chatice aquele "Sonho de Talita"...rsrsrsrs); Ângela, Margaria, Ozeneide, Eliane (a melhor professora de matemática), Iracema (que tinha um gênio forte, mas me inspirou a cursar História), Solange (que teve a paciência de me trazer para o universo da produção textual – como sou grato!), Maria Tereza (falava de tudo na sala de aula, até o que era tabu nos anos 1985 a 1988, da 5a. à 8a. séries. Quanta força, quanta graça, quanta entrega. Gratidão!!). Lindete (professora de Literatura que abriu um janelão para o mundo), Socorro Luna (professora do curso técnico em contabilidade e que nos incentivava a ler).

Para todas as Matriarcas e Mulheres que me inspiraram....meu profundo sentimento de admiração, reverência e gratidão!!!!

**Wendel Cavalcante**

A minha família é fortalecida por muitas mulheres que são referência do cuidado, da responsabilidade e trabalho. Elas cuidam não só de seus filhos, mas também dos adultos, casa, vizinhos, amigos e familiares distantes.

Até a minha geração, a criação dessas mulheres fortes e corajosas tinha também como pilar a submissão feminina aos desejos e necessidades masculinas. Ou seja, atitudes e ideologias muito contraditórias sendo reforçadas, geração após geração. Minhas principais referências são 3 mulheres pernambucanas, sertanejas, de origem pobre e evangélica. Minha mãe, vó e tia (gêmea idêntica com minha mãe). Elas me criaram, me apoiaram, me inspiraram como ser e não ser em diversos aspectos da minha vida. Me ensinam muito sobre resiliência e sobre afeto.

**Kaê Moura Gomes Silva**

Eu também quero falar. Quero falar da minha mãe porque ela é meu grande modelo de grandeza. Maria do Carmo Rodrigues provavelmente nasceu em 16 de julho de 1953. Digo provavelmente porque era comum, naquela época, entre famílias que viviam na roça, juntar uma certa quantidade de filhos pra, então, fazer o registro de nascimento de todo mundo na cidade. Só que, pela certidão de nascimento, ela tem diferença de só seis meses de um dos seus irmãos. A única pessoa que sabia de cor a data de nascimento certinha de todo mundo era o João Pimenta, que eu acho que era marido da Dinha, a avó da minha mãe, mas depois que ele morreu, só restou a confusão! Sei pouco sobre ele e também pouco sobre a Dinha, mas eu teria gostado de ter conhecido ela. Ela era mal falada, namoradeira, muito independente. Eu vou pedir a minha mãe pra falar da Dinha e das outras mulheres da sua família, inclusive da trizavó dela, minha tataravó, que era indígena, e prometo compartilhar em um outro texto.

Mas voltando à minha mãe: Maria do Carmo Rodrigues, a Lia, ou Dona Lia, provavelmente nasceu em 16 de julho de 1953, dia de Nossa Senhora do Carmo, padroeira da cidade de Carmo do Paranaíba, que foi onde minha mãe nasceu. Gosto de falar isso pois o Carmo tá muito na vida de mainha. Ela na verdade nasceu na roça, mas a roça ficava no município de Carmo do Paranaíba. Minha mãe é uma de 13 filhos vingados que minha vó teve. Outras duas morreram, uma com cinco meses (minha mãe contou que o farmacêutico, que era quase um médico lá pro pessoal, disse que era meningite e que não tinha recurso pra bebezinha, que acabou morrendo mesmo), e outra com sete dias de vida (minha mãe me contou que essa morreu, provavelmente, por ter mamado leite da minha avó depois que ela, a vovó, tinha sido picada por um escorpião lá na roça. Mesmo depois de benzida, de ter tirado o leite fora, mesmo assim, acreditam que ficou veneno no leite).

Minha mãe viveu na roça muito tempo, só veio morar na cidade já depois de casada. Lá na roça as mulheres cuidavam do trabalho de casa e também do trabalho da roça. Trabalho pesado, que deixou marcas em minha mãe, como burcrite, fibromialgia, desgaste de quadril e por aí vai. Lá se fazia de quase tudo: queijo, rapadura, polvilho, fubá, farinha, sabão.... fora o que se plantava, se plantava de tudo um pouco e se criava animais. Pouca coisa era comprada na cidade. Quando eu já era nascido, minha vó, mãe da minha mãe, ainda morava na roça e algumas coisas de lá, desse tempo, eu me lembro. Depois ela se mudou pra cidade com meu avô e os filhos solteiros. Ficou na roça uma tia, a tia Lenilza (Maria Elenilza), minha mãe de leite. Gosto muito dela, mas sentia muita raiva quando o povo falava que eu “roubei” o leite do meu primo, só porque eu era gordo e ele bem magrinho.

A roça é um lugar que baliza, marca a vida da minha mãe. Quando pergunto ela da vida dela ela me diz que quase não viveu muita coisa, que teve o tempo na roça e depois na cidade. Pra além disso, tem o modo de vida da roça, que alguma coisa dele ainda é presente na vida não só da mãe, mas da gente também. Mesmo tendo acesso à terra, pode-se dizer que foi uma família pobre. Minha mãe diz que meu avô era meio ruim de negócio, que nem tudo que eles faziam era vendido, perdia muita coisa. E não só isso, existia um pouco de dureza de vida que era apreciada. Minha mãe conta, por exemplo, que a água que eles usavam vinha de uma grota e que tinha um carneiro hidráulico que puxava a água e levava pra casa, mas quando esse carneiro estragou as mulheres tinham que descer a grota pra pegar água nas latas e levar pra

casa. Ninguém nunca consertou esse carneiro. Minha tia Valda também conta essa passagem do carneiro. Essa mesma dureza de vida é algo que marca a memória que eu tenho da minha avó, mãe da minha mãe, a vovó Mariinha. Como eu amava ela. Não só eu, nós todos. Ela tinha o rosto fundo e triste. Sorria com o rosto triste. A vida dela foi muito, muito dura. Não precisava ter sido tanto. Minha mãe me conta que a vovó dizia que teve treze filhos sem nunca ter sido beijada pelo nosso avô. Acredito que ela morreu sem essa e outras demonstrações de afeto comuns entre casais do nosso tempo. Apanhava do vovô, especialmente quando entrava na frente pra defender os filhos, porque o vovô era muito bravo. Minha mãe conta que não foi só uma vez que a vovó ganhou neném sozinha em casa, sem ajuda de ninguém.

Minha avó tinha cheiro de biscoito com cigarro de palha. Sempre com um lenço na cabeça, amava a gente muito e ficava muito triste com a dureza da nossa vida... Ela dizia que era muito preocupada com a Lia (minha mãe. Era assim que minha vó chamava minha mãe). Sempre que podia ela ia lá em casa, viajava de Carmo do Paranaíba para Patos de Minas pra ver a gente. Não era longe, mas mesmo assim era difícil. Ela levava comida pra gente, muitos biscoitos, pão de queijo, bolo, brevidade, broa... acho que ninguém aprendeu a fazer as coisas que minha vó fazia; não como ela fazia. Quando a gente via ela lá longe ainda a gente ia correndo até ela, apertava as sacolas dela e ficava: “que que a senhora trouxe? Que que a senhora trouxe?!”

Acho que essa tristeza que marcava o rosto da vovó também marcava o rosto de todas, todas as suas filhas. Seja pela dureza da vida, seja pela pobreza ou mesmo pelos casamentos que não trouxeram muita felicidade e realização. Acho que a única tia que conseguiu ser feliz no casamento foi a tia Joana. A única. Morreu muito cedo ela. Sinto falta dela. Quando eu era muito pequeno eu dizia que não gostava dela nem das filhas dela. Mais tarde entendi que isso era porque eles eram muito, muito pobres. A gente cresce aprendendo a não gostar de pobre, mesmo sendo pobre. E não era minha mãe e meu pai que me ensinavam isso. Não sei, eram as relações, as circunstâncias. Quando eu percebia que, por exemplo, na escola, ou até na igreja, não tinha muitas famílias como a minha, ou quando percebia que meus coleguinhas brincavam entre si mas não queriam brincar comigo, que iam pra casa um do outro jogar videogame, mas eu não era chamado, que viam desenho juntos enquanto eu nem tinha televisão, que se gabavam pelos seus álbuns de figurinha; de repente você está querendo ser como eles, e odiando ser quem você é e as pessoas que são como você. Eu nunca levei um coleguinha lá em casa, no Buraco. Eu também praticamente não ia passear na casa de nenhum amiguinho. Acho que a rejeição percebida desde muito cedo me fazia ter vergonha e raiva de ser pobre, e me fazia não gostar da tia mais pobre que a gente. Mas quando eu cresci um pouco isso foi deixando de ser importante e eu consegui criar com ela um laço muito forte. A gente se gostava mesmo. Senti muito quando ela morreu.

Essa tal dureza marcou o rosto da minha mãe por muito tempo também. A gente vivia numa tapera, que demorou um tempo a ter luz e banheiro. Isso dentro da cidade. É como se a cidade tivesse crescido em volta de um sitiozinho, que a gente chamava de Buraco. Primeiro foi minha vó, mãe do meu pai que morou no Buraco. Depois foi a gente. A minha memória mais antiga é do tempo do Buraco. Eu devia ter uns quatro anos. Lembro de mim já grandinho brincando e ainda mamando na minha mãe. mamava em pé mesmo, no meio de uma

brincadeira ou outra. Lembro direitinho de como era lá, era um buraco mesmo na beira da rodovia e lá em baixo, no meio do buraco, uma tapera velha. Dois quartos, sala, cozinha e varanda. Piso de vermelhão encerado. A casa tinha um número, mas eu nem me lembro mais qual era. Lembro da minha mãe apanhar muito do meu pai. Lembro, também, de ela ser responsável maior pela nossa educação e alimentação. Meu pai dizia que, se precisasse, os filhos andariam pelados e comeriam o que tivesse. Ele não gostava que minha mãe tomasse anticoncepcional, ele achava que tudo bem ter uma renca de filho mesmo sendo muito pobre. Minha mãe não, ela era preocupada com as nossas necessidades e não queria ter mais filhos, os quatro que ela tinha já era uma grande preocupação. Ela se desdobrava pra dar as coisas pra gente. Corria as feiras de livro pra conseguir comprar os livros dos meus irmãos, já que naquela época os livros não eram dados pelas escolas, a gente tinha que comprar. Lembro dela carregando comida escondido pra gente, das casas que ela trabalhava. Lembro dela sentada na porta da cozinha chorando porque não tinha dinheiro pra comprar arroz, que já tinha acabado. Na minha época tinha muita privação, mas fome mesmo foi minha mãe que conheceu e meus irmãos mais velhos. Na minha época as coisas já estavam melhores. Minha irmã mais velha já teve que ir pra escola descalça porque não tinha sapato. Eu não acho isso justo nem necessário. Ninguém nesse mundo deveria ter que passar por isso.

Minha mãe sempre se preocupou muito com a gente. Trabalhava muito. Foi faxineira em casa de madame: a “doméstica”. Nome horrível. Trabalhou assim até se aposentar. Meu pai aposentou cedo, antes dos 40 anos. Ele usava pouco da sua aposentadoria pras despesas da casa. Ele tinha um terreno e construiu uma casa pra gente morar, mas ninguém sabia muito bem como ele usava o dinheiro dele. Então era minha mãe mesmo que mais cuidava da gente, que garantia o grosso da nossa alimentação. Quando os filhos mais velhos cresceram, eles também passaram a trabalhar e ajudar nas despesas e as coisas foram melhorando. Eu comecei a trabalhar com 12 anos. Vendia biscoitos. Era uma grande exploração. Tanto que, com o tempo, meu pai não deixou mais eu ir trabalhar. Ele estava certo. O que rolava ali não era legal.

Costumo dizer que minha mãe criou os quatro filhos meio que sozinha. Ainda mais depois que a gente se separou do meu pai. A gente fugiu de casa. Nunca esqueço desse dia. Eu estava na oitava série. A gente fugiu porque meu pai já estava muito violento. E foi com o trabalho de “doméstica” que minha mãe criou a gente. Meus irmãos mais velhos tomaram desde muito cedo responsabilidade de adulto, pra ajudar minha mãe no sustento da família. Todo mundo trabalhava e minha mãe que regulava o funcionamento da casa. Ela era rígida só com os estudos. Ela tinha uma esperança nos estudos da gente, que a gente estudando ia ser alguém na vida. Ela se diminuía muito por não ter estudos e por ter sido “doméstica” a vida quase toda. A sociedade é cruel com os trabalhos de cuidado e suporte a vida: “domésticas”, babás, garis, coletores, são muito marginalizados. Ela estudou só até a quarta série na roça e só mais tarde, na casa dos 50 anos, que chegou a completar o ensino fundamental, mas não quis continuar o médio. No fundo, minha mãe queria que a gente tivesse uma vida diferente da dela, menos sofrida. Sempre que ela dizia que era triste por “não ter sido ninguém na vida” eu achava muito ruim, pois eu tinha muito orgulho dela, da vida dela, do trabalho dela. Minha mãe fez muitos milagres ao longo da vida. Ela sim multiplicou comida, fez dinheiro render, fez as



*Coração das Rainhas  
Colagem digital por Carlos Pereira, 2022  
Acima, vovó Mariinha. Abaixo, Dona Lia*

coisas acontecerem, criou quatro filhos ganhando salário mínimo. Hoje parece que ela reconhece mais tudo que ela fez e fala com mais carinho sobre seu trabalho, mas vira e mexe o fantasma do “eu não fui ninguém” assombra ela. Torço pra que isso não assombre ela mais, ainda mais porque agora que ela tá se abrindo pra vida. Hoje eu vejo minha mãe com uma feição alegre e realizada. Sem o peso da dureza que por muito tempo marcou seu corpo. Se ela se sente feliz, eu não sei de fato. Tinha medo de que minha mãe chegasse na velhice, olhasse pra trás e sentisse que não viveu, que não foi feliz. Hoje em dia ela diz que agora que está vivendo. Espero que ela faça tudo que tem vontade na vida. Minha mãe é muito doce e, às vezes muito ingênua. Não consigo entender como ela não sente raiva ou revolta por toda dificuldade e dureza injusta que ela teve que passar. Ela está realmente muito tranquila e bem resolvida quanto a isso, inclusive quanto a seu casamento. Eu não sei de quem eu puxei esse coração de revoltado. Da minha mãe não foi.

Fico feliz por minha mãe ter rompido com esse padrão de dureza e sofrimento que marcou a existência das mulheres de sua linhagem. Acho que a vingança das antepassadas dela é ela ser feliz, dona de si, coroada. Mãe é ser que realmente tem poderes que nada no mundo explica. Acho que é por isso que os antigos tinham muito medo de praga de mãe. Mãe tem poder de fazer as coisas. Mãe faz milagre. A minha fez. Todos os dias. Sempre que penso na minha mãe na minha época de infância, lembro dela contando caso pra gente, brincando com a gente de imaginar as coisas, rindo com a gente. Acho que era o jeitinho dela de amenizar a falta, de fazer a gente sonhar com coisa boa. De sentir um pouco de alegria entre a gente. Minha mãe é meu maior modelo de grandeza. Ela e minha avó, a vovó Mariinha. Minha mãe carrega muito da vovó. O mesmo coração grande bate no peito das duas, eu acho. Elas têm um jeito de se dispor e fazer pelos outros que eu acho até exagerado. Aprendi que a gente precisa se preocupar primeiro com a gente, mas minha mãe pensa primeiro nos outros. Já chamaram a atenção dela sobre isso. Não sei se ela entendeu o recado. Já tivemos nossos momentos difíceis, ficamos um bom tempo muito afastados. Minha mãe tem dificuldade de entender limites e acha que por ser mãe ela tem o direito de tudo. Mas depois de muita treta, conseguimos construir uma relação de confiança e maturidade que nos permite falar dessas e de outras coisas e isso é muito importante pra mim: pra eu me expressar na vida de forma potente foi preciso resolver minha questão com minha mãe.

Sobre a mãe do meu pai, a vó Liva (Olívia Maria de Jesus) eu sei pouquíssimo. Lembro dela, convivi com ela, mas ela morreu eu ainda era muito novo. Eu era meio distante dela porque achava errado ela não fazer muita coisa com relação ao que meu pai fazia com minha mãe. Todo mundo sabia. Enfim, isso me afastava dela. Hoje eu tenho tentado fazer as pazes com as lembranças da parte do meu pai e da família dele. Não passo pano. Não aceito o que teve de errado. Mas tô criando uma outra relação com tudo isso. O exercício da espiritualidade tem me ajudado muito nisso de conhecer a herança boa que vem do meu pai e da linhagem dele. Soube recente que, há sete gerações atrás, uma parte dos antepassados dele vivia em Alagoas. Nessa época houve um parto difícil. A parteira (negra) foi chamada, mas ela não conseguiria sozinha. Em transe, ela fez o parto. Em troca, a entidade tomou pra si sete gerações daquela família. Até hoje a gente cuida dela. Mas outra hora eu conto essa história.

**Carlos Pereira**